

**CURRÍCULO E EPISTEMOLOGIA**

*LOPES, Alice Casimiro.*

*Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2007. 232 p.*

A editora UNIJUÍ possibilita ao grande público, em 2007, o acesso a uma obra relacionada com o conhecimento escolar, da autora Alice Casimiro Lopes, denominada *Currículo e Epistemologia*.

O livro insere-se no âmbito de um processo em que a multiplicidade potencializa os percursos vivenciados pela autora, em diferentes etapas do seu 'fazer-se pesquisadora', apresentando um movimento de interpenetração de campos de estudos para compor uma epistemologia do currículo.

A autora, uma autoridade nas pesquisas sobre políticas curriculares no Brasil e para além das fronteiras nacionais, apresenta, nesta obra, artigos com foco na epistemologia, na epistemologia escolar e no currículo. Retoma textos relativos às suas primeiras pesquisas sobre Ensino de Química e de Ciências, reunindo também trabalhos que focalizam a História das Disciplinas Escolares e as Políticas de Currículo, suas atuais proposições investigativas.

Distribuídos em oito capítulos, os textos produzidos em momentos diversos, recentes ou não, revelam também a trajetória da pesquisadora frente a alterações paradigmáticas que marcaram a produção científica e, particularmente seu próprio processo de reelaboração teórica acerca de determinadas tendências investigativas, relativizadas pelo caráter híbrido do campo curricular, abrindo-se a novas possibilidades de entendimento.

Ao prefaciá-la obra, o professor Áttico Chassot anuncia o substancial texto e ao recomendar sua leitura, compara-o a uma obra de arte na qual a não finitude significa um convite a uma maior aproximação. Afirma categoricamente que o leitor encontrará não apenas respostas às possíveis indagações, mas, sobretudo, será instigado a alcançar novos vãos.

Em *Currículo e Epistemologia* os capítulos não seguem uma ordem cronológica, mas são entrelaçados por uma lógica que estabelece diálogos em múltiplas direções. Na introdução, a autora apresenta uma proposição de leitura, agrupando capítulos e justificando os motivos da sua escolha, mas igualmente propõe uma subversão a essa tessitura anunciada.

Os dois primeiros capítulos referem-se mais especificamente à epistemologia. A autora destaca a atualidade do pensamento do epistemólogo francês Gaston Bachellard sobre o conhecimento científico. Assim, o capítulo “Bachellard: o filósofo da desilusão” aborda a pluralidade das idéias filosóficas bachellardianas, sua busca pela desestabilização das certezas, o rompimento com visões arraigadas do cientificismo lógico e a defesa da construção de uma epistemologia histórica. De acordo com a autora:

*[...] o objetivo de Bachellard não era ensinar aos cientistas como proceder em seu trabalho. Seu diálogo era com os filósofos de seu tempo, questionando uma Filosofia desatenta às transformações radicais que sofre a razão humana com o advento da ciência contemporânea (p.31).*

Em “Contribuições de Gaston Bachellard ao Ensino de Ciências”, temas relacionados com processo ensino-aprendizagem são focalizados, ainda que a questão do ensino seja apontada por Bachellard apenas de forma assistemática, uma vez que o epistemólogo não elaborou uma teoria educacional. A mobilização permanente da cultura como inerente ao aprendizado científico, a relativização do erro e a importância da historicização do ensino de ciências são pontos destacados pela autora como premissas do pensamento bachellardiano.

No terceiro capítulo “A disciplina química: currículo, epistemologia e história”, a autora toma como referência o aporte teórico da História das Disciplinas Escolares, uma das áreas importantes das pesquisas em currículo, para realizar a análise do processo de consolidação do ensino de Ciências e de Química. A autora acerca-se de novos interlocutores, dentre eles, Ivor Goodson, um teórico britânico cujos estudos têm influenciado as pesquisas sobre história do currículo no Brasil.

Ainda com base neste referencial teórico, no quarto capítulo “Currículo de ciências do Colégio de Aplicação da UFRJ (1969-1998): um estudo sócio-histórico”, a autora aborda a discussão sobre o processo de constituição histórica da disciplina escolar e da disciplina acadêmica de referência, situando o processo histórico de seleção e organização curricular. Destaca que: “o conhecimento escolar e o conhecimento científico são instâncias próprias de conhecimento e que as disciplinas escolares possuem uma constituição epistemológica e sócio-histórica distinta das disciplinas científicas” (p. 107).

O quinto e o sexto capítulos, denominados respectivamente, “Obstáculos epistemológicos nos livros didáticos de química” e “A concepção de fenômeno nos livros didáticos de química”, contemplam uma importante discussão sobre o conhecimento veiculado nas obras didáticas. A tessitura dos capítulos privilegia uma abordagem sobre o conhecimento químico em sua versão escolarizada, ao tempo em que problematiza os discursos presentes nos manuais didáticos. A autora, sintonizada com as contribuições de Bachellard, discute a noção fenomenotécnica do conhecimento científico veiculado nos livros didáticos e alerta para a importância da vigilância epistemológica dos conteúdos ensinados.

Para discutir o “Conhecimento escolar e conhecimento científico: diferentes finalidades, diferentes concepções”, no sétimo capítulo, a autora marca sua posição em torno da idéia de que existe um distanciamento entre o conhecimento científico e o conhecimento escolar, uma vez que estes não são formados na mesma base epistemológica, nem atendem às mesmas finalidades sociais. Reafirma que os condicionantes da escola dão ao conhecimento escolar uma especificidade e defende que este “é produzido socialmente para finalidades específicas de escolarização” (p. 196).

Com esse posicionamento, a autora centra sua atenção em análises que focalizam a cultura escolar e o currículo, o que potencializa uma reconfiguração de suas preocupações de pesquisa. Defende que o conhecimento escolar e o conhecimento científico sejam pensados na perspectiva do pluralismo cultural, adotando uma ótica que questiona sentidos e significados. Postula uma (re)visão

acerca das influências em torno da seleção e organização dos conteúdos escolares e reforça a importância de se pensar historicamente o conhecimento, sua contingência e sua provisoriedade.

O último capítulo: “O livro didático nas políticas de currículo”, traz à tona uma discussão atual que amplia e redefine uma perspectiva política do campo do currículo, focalizando uma análise do livro didático como prescrição curricular. A natureza do livro didático configura-o como um texto curricular híbrido, constituído pela multiplicidade que envolve o ciclo contínuo de políticas, tal como defende Stephen Ball, no atravessamento dos contextos de influência internacional, de produção de textos e da prática na instituição escolar.

Em meio à circularidade de discursos recontextualizados que caracterizam o currículo como política cultural, a autora tece argumentos e ousa propor uma reconfiguração ao “didático” que circunstancializa o livro escolar vislumbrando, por sua vez, a expressão de um outro lugar à prática pedagógica.

O livro tem o inegável mérito de colocar em evidência pontos de extrema relevância e atualidade. A partir da problematização de questões que aprofundam o “por que” e “o que” se ensina em sala de aula, a autora submete ao debate suas reflexões, com base em autores como Bachellard, Goodson, Bernstein, Ball, traçando um mapa que se ramifica e se entrelaça para compor uma discussão sobre currículo e epistemologia.

A publicação desta obra propicia um vigoroso debate à comunidade de pesquisadores. Professores, estudantes de graduação e de pós-graduação terão um rico aporte para discutir educação química, currículo, livro didático, políticas curriculares.

**Idelsuite de Sousa Lima**

Doutora em Educação

Professora da Universidade Federal de Campina Grande

*e-mail:* idel.lima@uol.com.br